SIMONE DE PAULA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.90-93>

Experiências de ensino e aprendizagem em período de pandemia: o que ficou de lição? O que estamos aprendendo?

No final do ano de 2019 a população mundial foi surpreendida pela pandemia da COVID-19, também conhecida como coronavírus, caracterizada por uma doença capaz de gerar uma síndrome respiratória grave (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, no dia 1 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, caracterizado pelo mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença. O termo passa a ser usado quando há um surto que afeta uma região e se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

Conforme a Organização Pós-Americana de Saúde, foram confirmados, no mundo, aproximadamente 35.109.317 casos de COVID-19, computando 1.035.341 mortes e 34.073.976 de pessoas curadas até o dia 06 de outubro de 2020 em pelo menos 188 países e territórios.

Devido ao potencial aumentado de contágio da doença em locais com aglomerações, as escolas foram obrigadas a suspender as aulas presenciais. Em todo o mundo, nove em cada dez estudantes ficaram temporariamente fora da escola em resposta à pandemia do novo coronavírus, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, muitas redes de ensino suspenderam as aulas e tentaram procurar soluções de recursos digitais de aprendizagem, inspiradas na modalidade Educação Remota e à Distância (EaD).

No dia 28 de abril, o Conselho Nacional de Educação (CNE) enviou ao Ministério da Educação do Brasil (MEC) uma resolução com diretrizes referentes ao período de suspensão do ensino presencial e à volta às aulas no contexto da pandemia. Abordando temas como os apontados nas notas técnicas do Todos Pela Educação, o documento criado pelo CNE fala de diversidade de atividades no ensino remoto, ações de acolhimento e avaliações diagnósticas no retorno às aulas presenciais.

Diante dessa situação, vários questionamentos surgiram para os profissionais da área de educação, estudantes e familiares, os quais irei citar alguns: como se programar sem saber o tempo que duraria esse período de pandemia? Teríamos uma vacina a curto, médio ou longo prazo? Como se adaptar as novas tecnologias para o ensino e aprendizado remoto? Como se adaptar ao home office? Como gerenciar a nova rotina familiar com aulas online dos filhos, home office, afazeres domésticos e conflitos causados pela convivência familiar 24 horas? Como lidar com o medo de contágio, incertezas e despedida de entes queridos? Como amenizar a falta do convívio social entre estudantes? Houve o aparecimento de doenças e sequelas emocionais neste período? Redes de cooperação entre educadores foram criadas?

Os slogans *empatia, mais amor* ou *aplauda um professor* serviram apenas para marcar hashtags nas redes sociais ou se concretizaram nas ações diárias? Nos tornaremos pessoas melhores ou piores quando tudo isso passar? Procuramos evoluir como pessoas? De antemão, coloco que não há muitas respostas para essas perguntas

e tantas outras. Porém, refletir sobre elas poderá nos ajudar a entendermos melhor quem de fato somos e lutar para sermos pessoas melhores.

Trabalhando na área, enquanto técnica administrativa em educação (TAE), de um Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia, passei a atuar com mais intensidade, utilizando ferramentas e plataformas como Gmail, Google Meet, WhatsApp e Instagram. Para quem gosta, e para quem também não gosta de trabalhar com tecnologia, foi como fazer um intensivo frenético de tudo que se referia a esse tema, tendo seu lado bom, outro nem tanto e alguns até cômicos. Passei, então, a participar de cursos na modalidade EAD, reuniões virtuais, criação de curso EAD com momento síncrono e assíncrono (conheci estes dois termos neste período, não havíamos sido apresentados anteriormente).

Do presencial para o virtual continuei com as orientações dos estudantes de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com os Projetos do Programa Internacional Despertando Vocações do Instituto Internacional Despertando Vocações para a consolidação do congresso COINTER 100% online, juntamente com as outras atividades profissionais e pessoais, que não foram poucas.

Primeiramente, me deparei com as diversas inscrições nos cursos de capacitação ofertados, o que foi muito bom, pois através da modalidade EAD pude escolher o melhor horário para realizá-los. Por outro lado, a oferta de diferentes cursos era tão grande, que às vezes não era possível concluir tudo, e, desse modo, fiquei sobrecarregada. A impressão que tive foi que a comunidade acadêmica produziu em poucos meses o que levaria muito mais tempo para produzir. Houve uma aceleração notável nessa área, o que considero positivo.

Ao mesmo tempo, ocorriam as diversas reuniões virtuais, que também foram produtivas, mas que precisaram passar por adaptações. Encontros de trabalho virtuais exigem mais atenção dos participantes do que os presenciais e por isso devem ter um período maior de duração. Segundo a psicóloga e pesquisadora Katty Zúñiga da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na quarentena, aumentou-se o número de reuniões de trabalho e as chamadas de vídeo para falar com a família e encontrar os amigos, o que fez as videoconferências levarem pessoas à exaustão. O fenômeno tem sido chamado de "Zoom fatigue", uma espécie de fadiga causada pelo Zoom, uma das plataformas mais usadas para as chamadas em vídeo.

Qualquer tipo de videoconferência demanda uma atenção visual, mas o mosaico das reuniões virtuais com muitas pessoas envolvidas exige ainda mais concentração e sobrecarregam o cérebro, explica a psicóloga em entrevista ao jornal Folha de São Paulo.

Lembro que nos incontáveis grupos de Whatsapp recebi um link de uma reunião e quando entrei não fazia a menor ideia do que se tratava, então saí literalmente “à francesa”. Foram muitos momentos: participar de dois eventos online pra não deixar de prestigiar o trabalho de um colega; entrar naquela live que só tinha você e mais dez pessoas e o anfitrião citar seu nome e você ficar mais um tempo por educação; um tal de: “desliga o microfone”; o parente entra na sala e acaba participando da reunião sem querer; cai a internet, volta a internet. “Pessoal, Alberto quer falar. Alberto? Alberto?!?!? Gente, Alberto caiu?”, “Alberto está falando no chat que não consegue desativar o microfone” “Fala no chat mesmo Albertooooo!!!!”. “Alberto saiu da reunião”, “#empatia”. Enfim, muitas histórias engraçadas em tempos difíceis. Alguém se identifica?

Outro fenômeno que não poderia deixar de citar foram as inúmeras lives, que iam desde o universo científico aos shows dos artistas de sertanejo, quem nunca? Para muitos, esse período foi intenso em várias áreas da vida: criação de conteúdo, estreitamento das relações profissionais e familiares. Em conversa com uma colega psicóloga escutei: “parece que as pessoas estão precisando se auto afirmar e provar que estão produzindo, mas não estão cuidando da mente. Estamos trabalhando remotamente, mas em um período de incertezas é mais difícil. É preciso parar e respirar”.

Enfim, caros leitores, uma coisa é certa: não seremos os mesmos quando, se Deus permitir, tudo isso passar. Que o novo, inédito e inesperado normal nos torne pessoas mais empáticas, de fato. Forte abraço!